

Democracia, liberdade e poesia: a grande revolução popular de Atenas.

Democracy, freedom and poetry: the great popular revolution of Athens.

Emerson Facão
Doutorando em Filosofia/PUC-Rio

RESUMO: Este artigo visa apresentar alguns pontos da crise social que ocorreu entre os séculos VII e VI na Grécia. Esse período turbulento marcou de modo decisivo a história da Grécia. A intervenção do poeta e legislador Sólon foi importante para que cidade de Atenas pudesse estabelecer as primeiras bases para a instauração da Democracia.

PALAVRAS-CHAVE: ESCRAVIDÃO; DEMOCRACIA; POESIA.

ABSTRACT: This paper presents some points of the social crisis that occurred between the seventh and sixth centuries in Greece. This turbulent period that marked deeply the history of Greece. The intervention of the poet and legislator Solon was important for the city of Athens could lay the first foundations for the establishment of Democracy.

KEY-WORDS: SLAVERY; DEMOCRACY; POETRY.

INTRODUÇÃO

Uma das questões mais difíceis para os historiadores e filósofos é tentar buscar as origens da grande crise que culminou com o surgimento da Democracia entre os gregos. Essa crise teria se intensificado, sobretudo, entre os séculos VII e VI a.C em um momento que os trabalhadores mais humildes decidem combater a exploração efetuada pelos nobres. Para compreendermos esse fato é necessário buscar algumas passagens doxográficas que apontam os indícios que desencadearam essa crise. Entre eles está o testemunho

de uma carta enviada a Sólon¹, que teria sido escrita pelo tirano Pisístrato. Nessa correspondência, o político deixa claro que cada cidadão é obrigado a pagar um décimo do valor dos seus bens para um fundo destinado a cobrir os gastos com os sacrifícios públicos e outros encargos do Estado. Essas despesas ainda incluíam a segurança, o pagamento de pensões vitalícias e a manutenção das instalações públicas. Essa obrigação era algo que gerava muitas discórdias entre os atenienses, pois o povo mais pobre sustentava a mordomia de uma minoria que baseava seu poder na administração dessas instituições políticas e religiosas.

A extravagância e o luxo de alguns eram mantidos através da exploração e da ignorância do povo.² Segundo os relatos de Diógenes de Laércio, o grande poeta legislador Sólon foi um dos escolhidos para tentar encontrar uma saída para essa *crise* que tinha se tornado em uma terrível guerra civil. Para conter os ânimos exaltados dos rebelados, o político aprovou diversas medidas para coibir os excessivos gastos do Estado. Entre essas despesas estavam os prêmios concedidos aos atletas que participavam das competições nas olimpíadas. Para o arconte poeta essa prática era um absurdo, pois pagar altas quantias aos atletas vencedores era algo moralmente perigoso.³ Tal procedimento só era justificado apenas para os mortos

¹ Em DIÓGENES DE LAÉRCIO, *Vida e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, I -53. E também ARISTÓTELES, *Constituição dos Atenienses*, 6.3.

² Mesmo pagãos, os gregos ainda fundamentavam o seu poder político em bases religiosas. No início isso era importante para obrigar o povo mais humilde a pagar os altos impostos cobrados pelo Estado. A teologia homérica, nesse sentido, desempenhou bem o seu papel de coerção dos indivíduos. Aliás, essa era uma das funções da religião oficial: manter o funcionamento da máquina estatal e os privilégios dos nobres. E com o desgaste da tradição teológica homérica, não é preciso consultar nenhum oráculo para saber que uma grande crise seria instaurada de modo violento. Aliás, esse é o ponto que nos interessa: saber os fatores que possibilitaram essas transformações dentro da sociedade grega.

³ O poeta tem em mente o triste incidente do nobre ateniense Cílon, que foi um dos maiores vencedores dos jogos olímpicos. Esse jovem ambicioso tramou, com o apoio do seu sogro, que era conhecido na antiguidade sob a alcunha de Teágenes, o tirano de Mégara, um golpe

em combate, cujos filhos deviam também ser protegidos e educados pelo Estado.

Antes da intervenção de Sólon, a aristocracia ateniense gozava de vários privilégios que incomodava profundamente o povo, pois eles construíram uma forma eficiente de serem protegidos e sustentados pela lei do Estado sem precisar labutar nas lavouras, ou nas minas de sol a sol como a maioria dos seus conterrâneos.

Enquanto maus existem que enriquecem,
Há muitos bons que pobres permanecem;
Todavia, trocar a nossa bondade
Não desejamos pela vil maldade,
Pois a virtude é firme e perdurável,
Mas a riqueza incerta e transmutável.
(PLUTARCO, *Vida de Sólon cap. IV*).

Esses versos de Sólon ilustram o desequilíbrio social e também o espírito de mudança que a sua legislação veio propor para os atenienses. Antes disso, a crise se espalhava entre as classes que formavam a sociedade em três importantes regiões: os *homens da montanha* (camponeses), *da planície* (nobres) e *do mar* (comércio). O tom irônico do biógrafo nessa passagem deixa escapar que os homens do campo eram conhecidos pelo seu trabalho, ao contrário dos nobres, o grupo dos ociosos, eram aqueles que defendiam que o pequeno número dos mais influentes burgueses tivesse o controle total na condução dos negócios; enquanto que os homens do mar queriam um governo composto de ambos, para evitar que qualquer uma das partes contrárias pudesse sobrepujar a outra.

Esse conflito entre esses grupos era acompanhado pela profunda desigualdade social entre pobres e ricos que estava a cada dia se ampliando na parte rural de Atenas. A maior parte das famílias, que trabalhava nas terras dos nobres⁴, estava totalmente endividada

de Estado em Atenas. Esse golpe foi coibido, mas ele gerou efeitos que ajudaram a agravar a crise interna e externa na Grécia. Para mais informações sobre esse caso recomendamos a seguinte leitura: TUCÍDIDES, *Hist. da guerra do Peloponeso* cap. 126 4–6.

⁴ Antes de Sólon esses trabalhadores do campo tinham que entregar uma sexta parte – ou ficavam com apenas com uma sexta parte? - de tudo o que era produzido. Há uma grande polêmica entre os especialistas em torno dessa questão. De qualquer modo, a única coisa

por causa dos altos juros dos empréstimos que eram feitos para manter o cultivo e a sobrevivência. Para piorar essa triste situação, a garantia desse acordo era selada com a própria vida. Ou seja, todos aqueles que não pudessem pagar as suas dívidas tornavam-se escravos dos seus credores, que os mantinham como um servo permanente em suas casas, ou então eram postos à venda como mercadorias para outras cidades. Muitos desses trabalhadores eram obrigados a entregarem os seus próprios filhos para quitarem as suas dívidas. Essa era uma situação insustentável que foi revelada através do golpe frustrado de Cílon⁵. E a partir desse fato, podemos constatar que esse foi um dos estopins que fizeram explodir a guerra civil entre os gregos naquele período.

que podemos extrair das fontes é a existência da obrigação do pagamento aos proprietários de terras. E por essa prática os trabalhadores rurais eram chamados de *hectomorioi*, os homens da sexta parte.

⁵ Cílon foi um ilustre nobre que estava utilizando os seus privilégios como vencedor dos jogos olímpicos para intervir nas questões políticas da polis. Esse cidadão era casado com a filha do tirano Teágenes de Mégara (cidade rival de Atenas). E com o apoio político e militar deste, o jovem Cílon elaborou um golpe de Estado no momento que estava sendo realizada uma das mais importantes festividades religiosas da Grécia. E segundo Tucídides, o competidor, após uma interpretação equivocada do oráculo de Delfos (sic), reuniu as tropas de Mégara para invadir a Acrópole com o intuito de instaurar uma tirania em Atenas. Mas o golpe fracassa. Em detrimento disso, Cílon e os seus comparsas são condenados à morte por dois crimes: um de ordem política e outro de ordem religiosa. Sendo esse último ainda mais grave que o primeiro. Após esse triste incidente, a crise social eclode com grande força. E o ateniense Drácon é nomeado arconte às pressas com o objetivo de estabelecer um novo código de leis que pudesse colocar um fim na crise social. Mas esse problema só pôde ser realmente solucionado com a atuação do seu sucessor, o poeta Sólon. Para mais informações sobre esse caso recomendamos a seguinte leitura: TUCÍDIDES, *Hist. da guerra do Peloponeso* cap. 126 4–6.

A grande crise

E mais uma vez nos deparamos com as seguintes questões: o que teria desencadeado esse processo revolucionário que Aristóteles⁶ relata na *Constituição dos atenienses*? Como se deu esse processo de crise/transição social e política entre os gregos? Antes desse período democrático, os depoimentos de Heródoto e Tucídides⁷ nos dizem que a Grécia durante um longo tempo viveu sob o poder de um único homem⁸. Esse regime monárquico posteriormente teria se

⁶ Há uma grande polêmica sobre a autoria desse livro. Para muitos scholars ele foi escrito por discípulos do filósofo. Infelizmente não podemos entrar nessa questão, pois isso nos desviaria demais da nossa rota. De qualquer modo, o trabalho histórico do tratado é reconhecido como autêntico por vários helenistas como P. J Rhodes. Para o nosso presente trabalho esse texto é de extrema relevância, pois ele nos apresenta as mudanças que ocorreram na constituição dos atenienses. E esse é o ponto que nos interessa para investigar essa crise nesse período.

⁷ Heródoto e Tucídides são as fontes mais importantes para estudarmos esse período mais primitivo da História grega.

⁸ Nesse momento nos deparamos com uma insuperável “*diafonia*” entre as nossas duas principais fontes. Tucídides (*Hist. da guerra do Peloponeso* I- IV) defende que o primeiro grande monarca grego teria sido o rei Minos de Creta, pois esse teria organizado vários povos para montar a primeira frota marítima que culminou na formação da Hélade através do regime da talassocracia (do grego thálassa, "mar" e kratía, "poder"- poder do mar), que consiste em um governo centralizado no contexto marítimo, e isso teria acontecido no período da civilização minoica, ou seja, no período pré-helênico. Enquanto que para Heródoto (*Hist.* III 122), o primeiro regime talassocrático teria sido o de Polícrates de Samos. Apesar do método criterioso de Tucídides, a grande literatura antiga aponta a figura do rei de Minos como mitológica, assim como a do próprio rei Teseu, que foi relatada posteriormente por Plutarco como um dos primeiros reis da Grécia. Aliás, essa ressalva é feita pelo próprio Heródoto em sua passagem que foi citada anteriormente. Todavia, podemos supor que Tucídides ainda utilize de alguns mitos para o seu processo arqueológico de pesquisa, pois no início do seu texto ele assinala a grande dificuldade de estabelecer com “*clareza*” essas histórias mais antigas que foram

expandido a partir da reunião de uma poderosa frota marítima que foi responsável por estabelecer as primeiras bases para a formação da cultura helênica. Esse regime autocrático, desde o período arcaico, teve uma longa duração até ser substituído por outras formas de organização política. O nosso grande problema é determinar com precisão os fatores cruciais que desencadearam esse processo de crise/transição que possibilitou a abolição da antiga realeza micênica. Partimos da hipótese da ocorrência de uma profunda *crise* religiosa que afetou de modo determinante os fundamentos da antiga monarquia.

Na biografia de Sólon⁹, Plutarco fornece algumas evidências que podem nos ajudar a encontrar algumas pistas para esse problema. O biógrafo relata que antes da tentativa de golpe que foi arquitetada por Cílon, a organização política dos gregos era constituída do seguinte modo: havia um espaço conhecido como *areópago*¹⁰ onde as questões mais importantes eram decididas por um grupo formado por nobres. Esse conselho¹¹ pode ter sido composto pela aristocracia logo após o declínio da monarquia. Na *Constituição dos atenienses*¹², Aristóteles acrescenta que a velha constituição - anterior ao tempo de Drácon - era organizada em magistraturas que eram fundamentadas a partir de dois critérios: o primeiro era o *de nobreza de nascimento*” (genos),¹³ e o segundo era o da “*boa*

trazidas pela tradição oral dos aedos. A única coisa que podemos extrair dessa *diafonia* é o fato de haver um único rei (monarquia) que estabeleceu a união entres várias tribos que possibilitou a formação da Hélade.

⁹ PLUTARCO, *Vida de Sólon*, cap. 19.3 e 20.1.

¹⁰ O areópago (“Colinas de Ares”) era situado na parte nordeste da Acrópole em Atenas. Esse era o espaço de discussão dos nobres. Além de questões jurídicas, o conselho também cuidou de assuntos relacionados à educação e segurança.

¹¹ No grego Boulé (conselho, no plural boulai, conselhos).

¹² ARISTÓTELES, *Const. dos atenienses*, 3.1.

¹³ Esse critério era determinado por laços de sangue que estavam ligados as principais famílias (genos) que se assentaram nessa região no período pré-helênico. Fustel de Coulanges defende que a formação familiar surge no âmbito religioso. Ou seja, ela é mais uma associação religiosa do que natural (tese de Aristóteles). Para o historiador positivista francês a religião fez com que a família formasse um único

condição econômica”¹⁴. Esses mandatos eram vitalícios, mas depois passaram a durar por um período de dez anos. Os magistrados mais

corpo nessa e na outra vida. Enquanto que o helenista Hammond afirma que a organização social da comunidade no período arcaico estava fundamentada em uma estrutura racial. Logo, cada ateniense que tivesse algum grau de parentesco com o rei Íon pertencia ao grupo de *philetai* (membros dos quatro genos originais conhecidos como *philai*), *phratores* (membros das três *phratiriai* que eram divididas cada tribo), *gennetai* (membros dos genes que eram formadas cada fratria) e por último o *oikeioi* (membros das famílias associadas por parentescos que formavam os genos, que eram estruturadas a partir do oikos ou oikia). Enfim, esse era um dos critérios para a formação da aristocracia que tinha o “direito” de participar do conselho do areópago. Para mais informações sobre essa questão recomendamos a leitura dos seguintes livros: HAMMOND, N. G. L. “*Studies in greek history*”, Oxford (1973), pp 105-115 e também: FUSTEL DE COULANGES, “*A Cidade Antiga*”. São Paulo, Martins Fontes, 1998, pp 44.

¹⁴ Para esse segundo critério apontado por Aristóteles há duas importantes pistas: a primeira está em Tucídides (*Hist. da guerra do Peloponeso* I -II) que afirma que desde os seus primórdios Atenas sempre foi um lugar extremamente receptivo com os estrangeiros (metecos), sobretudo, com os refugiados que vinham de outras localidades, pois eles também pagavam altos tributos para permanecerem em Atenas. Aliás, essa foi uma característica importante para o desenvolvimento econômico e social da cidade. A segunda está em um fragmento de Filócoro (um antigo atidógrafo) que foi citado por Fócio (*Suda FGr Hist* 328 F 35a) que diz o seguinte: em relação aos *orgeones*, escreveu também Filócoro: “...aos *phratores* cabe a obrigação de acolher tanto os *orgeones* como os *homogalaktes*, aos quais chamamos *gennetai*”. Isso prova que havia algumas formas de afiliação em Atenas que estava baseada em uma hierarquia social para o alcance da plena cidadania. O mais interessante nesse fragmento é que Filócoro parece nos sugerir que havia um tipo de mecanismo – e aqui é o ponto que estabelece a relação com a passagem de Aristóteles - que permitia integrar outras pessoas sem o parentesco sanguíneo. Esses homens eram conhecidos por *gennetai homogalaktes* (pessoas que foram amamentadas como o mesmo leite/alimento). Ou seja, essa expressão idiomática indica o fato de

importantes eram o *rei* (basileu) ¹⁵, o *polemarco* ¹⁶ e o *arconte* ¹⁷. Através dessa descrição do filósofo podemos verificar que o governo já não estava mais centralizado na figura de um único homem. O que encontramos nesse momento é uma tripartição do poder político. Ou seja, uma diluição da estrutura absolutista que era fundamentada em bases religiosas desde o período pré-homérico. Segundo o filósofo, o surgimento da figura do *polemarco* marca o primeiro momento de mudança na organização da antiga realeza. Por uma total falta de “vocação” ¹⁸ o rei “transfere” ¹⁹ uma parte da sua autoridade para um

haver pessoas que conviviam dentro da sociedade grega com alguns prestígios sociais. Certamente esse grupo gozava de vários privilégios em relação aos outros estrangeiros. Suspeitamos que essa filiação fosse concedida tendo como um dos critérios a condição econômica do meteco.

¹⁵ Em Homero e Hesíodo encontramos também a utilização de um termo similar e mais arcaico para rei (anax - senhor).

¹⁶ O *polémarkhos* (polemos "guerra" e arkhon "líder") era o “senhor da guerra”, segundo Aristóteles, era o general responsável pelos assuntos militares. Nessa passagem já encontramos a primeira indicação da diluição do poder absoluto do rei. Nesse momento esse poder era dividido entre o arconte (juiz) e o polemarco (general).

¹⁷ O arconte (arkhon) era responsável pela organização jurídica na antiga Grécia. Ele era uma espécie de juiz que era “encarregado” de estabelecer algumas leis importantes para manter o bom funcionamento dos principais órgãos do Estado em Atenas. Ele também participava nas decisões nos conselhos (boulé), e, ao lado do rei, conduzia o governo.

¹⁸ Ou falta de competência?

¹⁹ Suspeitamos que essa “transferência” de poder tenha ocorrido em um contexto muito difícil e violento. Essa hipótese pode ser corroborada a partir das evidências que encontramos nos relatos dos historiadores Heródoto e Tucídides, e principalmente, na “*Constituição dos atenienses*” de Aristóteles, que apresentam essas causas para a crise política que surgiu depois desse período. É possível que essa antiga realeza sofresse fortes pressões internas e externas. E esses dois fatores podem ter gerado esse processo que levou o enfraquecimento da antiga monarquia. Infelizmente não temos registros doxográficos que forneçam informações mais precisas de como e quando isso exatamente ocorreu.

general²⁰ que passa a cuidar dos assuntos militares. Para ele, o surgimento da figura de Íon foi responsável pela primeira grande

²⁰ Esse é um ponto de extrema polêmica entre os historiadores e helenistas, pois segundo Aristóteles, o primeiro polemenco (senhor da guerra) teria sido Íon (rei e fundador da Jônia). O nosso maior problema é que há diversas histórias em torno dessa figura lendária. Ou seja, mais uma vez nos deparamos com a antiga confusão existente entre a mitologia e história, pois ambas se misturam nesse ponto quando tentamos buscar mais informações sobre a sua existência. Segundo o texto aristotélico (*Cons. dos atenienses* 3.2), os atenienses, forçados pela “necessidade”, chamaram Íon para desempenhar uma função que antes estava na mão do rei. A polêmica surge exatamente nesse momento, pois não sabemos em que contexto essa “transição” aconteceu e nem as causas que obrigaram o rei abrir mão dessa importante função militar (vide a nota anterior para essa questão), e nem dados adicionais sobre a vida de Íon. De qualquer modo, o que podemos inferir, a partir das informações de Aristóteles, é que ele possa ter sido um dos atores que ajudou a promover a queda da antiga realza. As nossas maiores dúvidas são: 1) quem foi Íon? 2) quem são esses atenienses que clamam pela a sua ajuda? 3) será que ele foi um grande guerreiro que saiu do povo? A nossa suspeita caminha em direção desse último ponto, pois o grande poeta Eurípides – que é conhecido na antiguidade por ter sido um dos primeiros a dessacralizar os mitos - escreveu uma peça sobre a sua vida que conta que ele era filho de Apolo, mas foi abandonado quando criança por sua mãe que se chamava Creusa. Essa mulher era filha de Erecteu, que segundo a mitologia, foi um antigo rei de Atenas. Aliás, existe até hoje em Atenas um templo chamado *Erecteion* que foi feito em sua homenagem. O mais curioso é que esse templo foi construído em estilo jônico, que foi um povo que segundo os antigos historiadores teria sido criado pelo seu neto Íon. E mais uma vez a história e o mito se confundem aqui. De qualquer modo, o relato mais concreto que temos sobre a sua vida encontramos em Aristóteles, que afirma (*Cons. dos atenienses* – 42.2) que a primeira mudança na constituição original ocorreu através de Íon e de seus companheiros. Ou seja, é bem provável que esse general fosse originário de outra classe social que se opusesse ao governo, e para essa hipótese temos que nos basear nos textos fornecidos por Eurípides e, sobretudo, Aristóteles. Há alguns pontos nesses relatos que se coadunam de modo muito

transformação da constituição original. Deste modo, esse incidente desencadeou um processo de transformação política que foi importante para o surgimento de um governo que fosse organizado a partir de uma base coletiva.²¹

Essas instituições aristocráticas, que surgiram a partir das ruínas da antiga monarquia, ainda traziam consigo vários aspectos que estavam em consonância com o antigo regime. A distribuição do poder continuava concentrada nas mãos de uma minoria que estava próxima ao decadente monarca. A diferença que surge nesse novo momento é o fato da aristocracia econômica substituir aos poucos a nobreza de nascimento. Mesmo com essas inovações, o poder ainda estava sendo exercido de modo injusto e desigual. Os *conselhos* (*boulai*), que eram compostos por magistrados ricos da terceira idade, ainda eram controlados a partir dos interesses econômicos e políticos de uma minoria. Enquanto isso, uma grande maioria de miseráveis estava se formando de modo silencioso em diversos cantos da cidade.

Essa enorme desigualdade social só começou a ser desfeita a partir da intervenção do grande poeta Sólon. O seu prestígio e a sua imagem como poeta e cidadão foram atributos que permitiram que ele pudesse intermediar a crise política a partir do estabelecimento de um novo código de leis que visava acabar com a exploração e a desigualdade social em Atenas. Nesse sentido, o seu trabalho como legislador foi auxiliado por sua poesia que atuava como uma importante ferramenta para promover a adesão das suas medidas políticas que foram responsáveis por formar as bases de um regime mais justo e igualitário entre os gregos.

Nesse momento surge na história grega outro fato interessante: a utilização da poesia como um instrumento de publicidade. Sem esse poder de comunicação dificilmente o legislador conseguiria alcançar a coesão necessária para aprovar todas as medidas políticas que visavam coibir a desigualdade e a injustiça em

estranho. Aliás, o filósofo ainda acrescenta que o grande polemárcos teria reunido as “*quatro tribos*” que escolheram os seus respectivos representantes. De qualquer modo, essa é uma questão bem interessante para os historiadores, pois aborda a distinção entre o mito e história para os gregos.

²¹ Nesse caso um governo aristocrático (do grego *aristoi*, os melhores, em sentido de *agathoi*, “os bons” e *kratos*, “poder”), que literalmente significa o poder dos melhores.

Atenas. É notório que antes do advento da escrita, os gregos usavam a poesia oral para transmitir e manter o seu legado cultural para a posteridade. A obra homérica é o maior exemplo dessa prática. Segundo Werner Jaeger²², com o enfraquecimento da teologia homérica, que culminou com a queda da antiga monarquia, a poesia de Hesíodo surge para representar a vida dos camponeses que viviam longe dos palácios. Através de uma de suas obras mais importantes, intitulada como “*Trabalho e os dias*”, podemos observar que o foco da sua poesia não é o mesmo que o do seu predecessor Homero. Enquanto que esse último estava empenhado em realçar as características do nobre aristocrático, como um modelo para o homem grego, através da imagem do herói que busca a sua imortalidade através de uma morte gloriosa²³, Hesíodo está preocupado em mostrar o valor do *trabalho* como um instrumento para formação humana. Essa nova *proposta pedagógica* traz consigo grandes mudanças dentro da estrutura social dos gregos que podem ser localizadas em vários textos da Literatura antiga. O comediógrafo Aristófanes, por exemplo, em uma de suas peças²⁴, apresenta para o seu público uma breve análise sobre o conteúdo que era ensinado por quatro importantes poetas da Grécia²⁵, e entre eles podemos encontrar esse traço que marca a poesia desse famoso camponês:

²² JAEGER, *Paidéia*, livro I.

²³ Vide o exemplo do herói Aquiles na *Iliada* (Canto XXII – 304-5) de Homero.

²⁴ Aristófanes (*As rãs* 1030-1036).

²⁵ Essa passagem de Aristófanes é de extrema importância para os estudiosos da Paideia antiga, pois a impressão que temos é que no período do comediógrafo – no século IV a. C. – cada poeta era responsável por um conteúdo específico dentro da educação grega. Esse programa pedagógico estava dividido nos seguintes pontos: agricultura, guerra, religião, sabedoria oracular, orientação moral e o conhecimento da medicina. Há ainda mais duas outras hipóteses que não podem ser descartadas: 1) cada um desses programas poderia estar a serviço apenas da educação de seus respectivos membros. 2) numa cultura extremamente agonística é bem provável que esses poetas disputassem entre si o cargo de grande pedagogo da Grécia. E talvez seja por isso que o comediógrafo apresente todos esses grupos em sua peça, pois eles formavam a sua plateia como um todo. De qualquer modo, não temos provas suficientes para validar essa tese, apenas

[1030] Ésquilo²⁶ - Ora, aí tens o tipo de assuntos com que se devem preocupar os poetas. Senão observa bem como, desde o princípio, os verdadeiramente bons se mostraram úteis. Orfeu ensinou-nos a celebrar os mistérios e a evitarmos os sacrifícios; Museu, a cura das doenças e os oráculos; Hesíodo, o trabalho da terra, as estações das colheitas e as tarefas agrícolas; e o divino Homero, onde foi ele buscar fama e glória senão às coisas úteis que ensinou, estratégia, código militar, equipamentos dos guerreiros? ²⁷ (ARISTÓFANES, *As rãs*, 1030-1036).

Nesse sentido encontramos uma mudança de paradigma que se opera dentro da sociedade grega que reflete uma “*crise*” dentro da estrutura social helênica. A sua poesia rústica, de origem campesina, exprime o heroísmo de uma classe social mais humilde que trava uma

algumas pistas. Vale ressaltar que a poesia é vista no debate entre Ésquilo e Eurípides como algo utilitário e didático. Isso é algo irrefutável dentro desse contexto histórico. E mais: o seu valor precisa ser avaliado a partir desse critério que visa o aperfeiçoamento do homem grego. Na *República*, Platão vai utilizar esse mesmo crivo para estabelecer os pilares da sua polis ideal. Logo, será necessário o filósofo fazer uma análise minuciosa de toda a poesia do seu tempo para estabelecer uma nova proposta pedagógica. Aliás, dentro da peça de Aristófanes esse é o leitmotiv que conduz a trama no submundo. O diálogo entre os dois poetas trágicos Esquilo e Eurípides é observado pelo deus Dioniso, que é a divindade que representa o teatro. Ele é o juiz da “*disputa*”- *agon* - entre esses dois importantes poetas trágicos.

²⁶ Ésquilo está no inferno junto com Eurípides e o deus Dioniso. A catábase - do grego kata "baixo", bairn, "ir" - corresponde a qualquer forma de descida no grego. Na mitologia o termo é usado para se referir à descida ao inferno, o mundo dos mortos, esse é o cenário utilizado por Aristófanes, pois na mitologia antiga esse era o lugar onde vários personagens buscavam conhecimento. Para mais informações sobre essa questão recomendamos a leitura do interessante livro do professor Eudoro de Sousa. Vide SOUSA, E. *Catábases: estudos sobre viagens aos infernos na Antiguidade*. São Paulo: Annablume Clássica, 2013.

²⁷ Tradução do grego, introdução e comentário de Maria de Fátima Silva. “*Série Autores Gregos e Latinos*”, editora Annablume, 2014.

luta diária e silenciosa com a terra dura que abastece todos os nobres que vivem no conforto dos palácios.

Ao olharmos a topologia da Grécia com atenção encontramos um terreno muito acidentado com vales estreitos que são entrecortados por montanhas. Esses fatores dificultavam o cultivo²⁸ e a sobrevivência de uma cultura que era baseada através da agricultura de subsistência e do pastoreio. O historiador Heródoto relembra esse fato em um diálogo entre o rei persa Xerxes e o grego Demarato, que narra, entre outras coisas, sobre a pobreza e as dificuldades enfrentadas pelo povo grego:

[CII] Pois bem, senhor — tornou Demarato —, já que assim o desejais, dir-vos-ei a verdade, e não duvideis jamais, daqui por diante, de quem usar da mesma linguagem. Os Gregos têm sido criados na escola da pobreza, e a virtude²⁹ a ela se junta, filha da temperança e das leis estáveis, dando-nos armas contra a pobreza e a tirania. Os Gregos que habitam as regiões vizinhas aos Dórios — para citar apenas esses como exemplo — sempre se houveram com dignidade, bravura e nobreza d'alma, sendo, por isso, dignos de todos os louvores. Ouso afirmar, senhor, que eles não só não ouvirão as vossas propostas, que têm por fim submeter à Grécia, como estarão decididos a ir ao vosso encontro e oferecer-vos batalha, mesmo que os outros povos gregos disso se abstenham. Quanto ao seu número, senhor, qualquer que ele seja não influirá na sua decisão de resistir. Tivessem eles um exército de apenas mil homens, e nem por isso deixariam de oferecer-vos combate. (HERÓDOTO, *Histórias*, VII-CII.)

Esse relato apresenta para nós um panorama geral da vida do homem do campo que encontramos na descrição feita por Hesíodo. Através do texto do poeta podemos localizar o ponto exato de distanciamento dos ideais aristocráticos que são defendidos por Homero, e o momento em que a poesia passa a ser um veículo de contestação e afirmação de uma classe de trabalhadores que vive distante do centro.³⁰

²⁸ Vide TUCÍDIDES, *Hist. da guerra do Peloponeso*, livro I -II.

²⁹ Excelência (arête).

³⁰ Estamos partindo do pressuposto que nesse período já houvesse uma espécie de espaço (pré-polis?) “centralizado” que foi passando

É importante ressaltar que essas inovações trazidas por Hesíodo foram feitas a partir da estrutura tradicional da própria poesia homérica que era utilizada por diversos rapsodos como Íon.³¹ O alcance e a aceitação do seu trabalho dependiam fundamentalmente do pleno domínio das regras de composição oral que passam pelo conhecimento da mitologia, das técnicas de construção mnemônica e dos esquemas rítmicos, como os hexâmetros dactílicos³², que formam a estrutura da épica antiga. Sem o conhecimento dessas técnicas, dificilmente o poeta poderia obter êxito em seu objetivo. Para operar a desconstrução, ele precisa partir do interior da tradição utilizando as mesmas armas do seu oponente³³ de modo metódico. Com isso, o poeta vai inserindo as suas novas alterações de forma e conteúdo no modelo tradicional poético para afirmar o seu distanciamento da obra homérica³⁴ e demarcar a sua posição como um pretendente ao cargo

por diversas modificações até o momento do surgimento da polis. É importante ressaltar que não encontramos o termo polis nos escritos de Homero e Hesíodo. Todavia, isso não nos fornece o direito de afirmar que nesse período não existisse uma distinção espacial entre os habitantes que viviam nos campos e aqueles que habitavam em um espaço “comum” perto dos templos religiosos.

³¹ Vide PLATÃO, *Íon*.

³² Hexâmetro dactílico (do grego: héx, "seis", e métron, "medida(s)") ou hexâmetro heroico é uma forma de métrica poética ou esquema rítmico. É tradicionalmente associado à poesia épica, tanto grega quanto latina, como por exemplo, a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero e a *Eneida* de Virgílio. É a mais importante forma métrica usada na poesia épica da Grécia Antiga.

³³ Utilizando os mitos e a crença do povo campesino como meio de expressão para alcançar a adesão dos seus pares.

³⁴ Algo similar ocorreu com o grande poeta Dante Alighieri na composição da “*Divina comédia*”, pois ele não quis escrever a sua obra em latim – que era língua dos nobres e intelectuais da sua época – , mas utilizando o italiano vulgar. E com isso, Dante, e posteriormente Petrarca, ao se distanciarem da tradição culta que vigorava naquele período, ajudaram a construir os fundamentos da língua italiana atual. Curiosamente, esse mesmo fato ocorre na poesia de Hesíodo diante da tradição da sua época.

de educador³⁵ da Grécia. Logo, essas mudanças não ocorreram de modo radical, mas de forma sutil e progressiva. ³⁶ Essa competição acirrada entre esses dois poetas apresenta para nós outra característica importante que marcou de modo determinante esse período de *transição/crise* na cultura helênica: o *espírito agonístico*. Hesíodo através de sua poesia resgata o valor da coragem, que foi algo defendido pelo seu predecessor, e afirma a sua posição de antagonista com o intuito de reformular os valores da cultura grega.

[202] Agora uma fábula falo aos reis mesmo que isso saibam. Assim disse o falcão ao rouxinol de colorido colo no muito alto das nuvens levando-o cravado nas garras; ele miserável varado todo por recurvadas garras gemia enquanto o outro prepotente ia lhe dizendo: 'Desafortunado, o que gritas? Tem a ti um bem mais forte; tu irás por onde eu te levar, mesmo sendo bom cantor; alimento, se quiser, de ti farei ou até te soltarei. Insensato quem com o mais forte queria medir-se, de vitória é privado e sofre, além de penas, vexame'. Assim falou o falcão de vôo veloz, ave de longas asas. Tu, ó Perses, escuta a Justiça e o Excesso não amplies! O Excesso é mal ao Homem fraco e nem o poderoso facilmente pode sustentá-lo e sob seu peso desmorona quando em desgraça cai; a rota a seguir pelo outro lado é preferível: leva ao justo; Justiça sobre põe-se a Excesso quando se chega ao final: o néscio aprende sofrendo. (HESÍODO, "Os trabalhos e os dias", v 202 a 285).

Há muitas questões que poderíamos discutir a partir dessa única passagem que foi citada, mas infelizmente teríamos que fazer um grande desvio em relação ao escopo desse presente trabalho. O que cabe a nós, por enquanto, é pontuar o novo uso dado à poesia nesse período. Além da difusão e perpetuação dos valores mais

³⁵ Vide Platão (*Rep.* 607 a) e também Diels-Kranz (*Xenófanes* - frag. 10).

³⁶ Vide os seguintes livros: "Teogonia" e também "Trabalhos e os dias". Há diversas diferenças que foram registradas por vários especialistas entre essas duas obras. Para nós, isso demonstra o distanciamento de Hesíodo em relação à tradição homérica que está em plena consonância com as mudanças que ocorreram nesse período de transição e crise na Grécia.

importantes para a cultura, essa obra de Hesíodo atua também como um instrumento de denúncia das injustiças sofridas por todos os camponeses. Nesse pequeno trecho o poeta descreve, de forma clara e objetiva, a opressão exercida pelos mais fortes. As lindas imagens poéticas são empregadas para realçar o drama vivido por muitos trabalhadores do campo. E com isso, ele antecipa as grandes transformações que a sociedade ateniense sofrerá nesse período.

No momento em que os trabalhadores conquistam a representatividade da sua classe através da poesia de Hesíodo, um corpo sólido e resistente se unificou para dar origem a uma voz que passa a ser ouvida dentro da cidade. Além do efeito agregador, a poesia também desempenhou uma função conscientizadora. Sem isso seria muito difícil estabelecer um elo coletivo que pudesse impulsionar uma revolução popular.

A nossa hipótese é de que o poeta legislador tenha sido influenciado por esse fato, e que certamente era uma novidade entre os gregos. Como vimos anteriormente³⁷, os versos de Sólon, que encontramos na obra de Plutarco, atuam com esse mesmo efeito. Ele tem a plena consciência da grave situação que o povo estava enfrentando, e por isso percebe a necessidade de tornar público esse problema para todos os gregos. A ambição de alguns nobres estava levando a destruição de muitos trabalhadores. Nesse sentido, se faz necessário uma intervenção política para reparar esse desequilíbrio. A sua poesia, além de denunciar esse problema social, serve para preanunciar as novas medidas que estavam por vir. O seu trabalho como poeta também foi importante para atenuar a tensão existente entre as classes divergentes. Com isso, ele poderia ganhar tempo e adesão dos cidadãos para aplicar algumas medidas políticas emergenciais.

Conclusão

Segundo o relato de Aristóteles, no livro “*A Constituição dos Atenienses*”, o nosso poeta legislador era conhecido como o *campeão do povo*³⁸. Essa designação apresenta Sólon como o primeiro *democrata* responsável por estabelecer os primeiros pilares de um regime político que aceitava a participação da classe dos

³⁷ Vide nota 5.

³⁸ ARISTÓTELES, *Const. dos Atenienses* 2.3.

trabalhadores. Esse fato representa um dos momentos mais importantes da história ocidental: o surgimento da Democracia ³⁹. Esse polêmico regime político nasce entre os gregos a partir dessa terrível crise que era fundamentada pela exploração humana.

E por fim, é importante ressaltar que a base da Democracia foi construída através da força da poesia. Dentro desse contexto crítico ela foi empregada para alcançar a harmonia social e política entre os homens. Sem essa ferramenta seria muito difícil Sólon estancar a crise que estava tirando a vida de muitos atenienses. A sua carreira como político foi marcada pelo poder da sua poesia que tinha como base o seu caráter e a sua coragem. É por causas dessas características que na antiguidade ele era considerado como um dos grandes *sete sábios*. E por causa disso, a sua excelência moral foi imortalizada através de diversos poetas no mundo antigo. Aliás, talvez essa tenha sido a imagem do verdadeiro poeta que o seu parente Platão buscava encontrar na sua *República*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES, *A Constituição dos Atenienses*. Introdução, tradução do original grego e notas de Delfim Ferreira Leão, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2009.

DIÔGENES LAÉRCIO. *Vida e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Tradução: Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.

FINLEY, M. I. *Economia e sociedade na Grécia antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FUSTEL DE COULANGES, NUMA DENIS. *A Cidade Antiga*. Traduzido por Fernando de Aguiar, São Paulo, Martins Fontes, 1998.

HAMMOND, N. G. L *Studies in greek history*, Oxford, 1973.

HERÓDOTO, *História*. Tradução portuguesa de Mário da Gama Kury, 2.ed., Brasília: Universidade de Brasília, 1988.

HESÍODO. *Os Trabalhos e Os Dias*. Tradução de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PLUTARCO – *Vida dos Homens Ilustres* Baseado na tradução em francês de Amyot, com notas de Clavier, Vauvilliers e Brotier. Tradução brasileira de José Carlos Chaves. Fonte: Ed. das Américas, 1951.

³⁹ Do grego demos, "povo", e kratos, "poder".

SOUSA, E. *Catábases: estudos sobre viagens aos infernos na Antiguidade*. São Paulo: Annablume Clássica, 2013.

THUCYDIDES, *History of the Peloponesian War*, translated for C. F. Smith. Cambridge, Massachussets & Cambridge, England: Loeb Classical Library, Harvard University Press, 1928.